

Globethics Repository



Imagens e alternativas para retratar a violência [Images and alternatives to portray violence]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Hamburger, Esther
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-12 15:27:16
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163381

excludente. Precisamos políticas públicas relacionadas com a educação e relacionadas a atividades culturais e de lazer. Coisas que valorizem a produção cultural da própria comunidade.

IHU On-Line- Tem havido mudanças com os novos governos federal e estadual?

Rodrigo de Azevedo- Não diria que tem havido mudança significativa. Existe uma grande dificuldade de articulação dos diversos atores nessa área: o governo estadual, governo federal, governos municipais e organizações da sociedade civil. Podemos ver coisas que estão mudando como a própria questão da Febem, que mudou de nome, agora é FASE (Fundação de Atendimento Sócio-Educativo) numa tentativa de adequação, como, por exemplo, a separação de jovens infratores de jovens em situação de vulnerabilidade e a tentativa de atendimento a esses jovens. Precisa-se de um diálogo que rompa a divisão estado e sociedade civil, de um diálogo interdisciplinar.

Historicamente, nós temos problemas no funcionamento do Estado, na área de segurança pública. O Estado, muitas vezes, atua sem respeitar os direitos fundamentais, de uma forma arbitrária, quando deveria primar pelo respeito aos direitos fundamentais. Não pode acontecer que o jovem vá para o internamento, que seja isolado da sociedade, teria que ser ao contrário, uma reinserção, mas, ele é estigmatizado e volta de uma forma pior. Esses vários níveis, muitas, vezes estão ausentes do debate público. Esse debate está buscando respostas simplistas, como reduzir a idade penal e colocar o jovem aos 16 anos nas penitenciárias, que já estão superlotadas e não têm cumprido esse papel de reintegração.

IHU On-Line- Quando se fala em violência parece que sempre estamos falando de “eles”, “outros”, não vivemos numa sociedade violenta e há elementos anteriores que também nos dizem respeito?

Rodrigo de Azevedo- Responder a isso é complexo, mas é importante. Acredito que a violência esteve presente na sociedade brasileira como uma forma de resolução de conflitos. A diferença, que tem aparecido agora, e tem assustado algumas pessoas, é que a violência antes estava vinculada à hierarquia da sociedade, vinha de cima para baixo. Ela se expressava numa forma de dominação historicamente adotada em relação a negros, a índios, no ambiente doméstico, a relação do homem com a mulher e os filhos, então havia uma certa naturalização dessa violência, porque ela estava vinculada ao poder. O que está mudando é que essas hierarquias estão em crise, a sociedade não aceita mais esse poder hierárquico que não se justifica por nada além dessa própria hierarquia. Com isso a violência começa a mudar de sentido, a ser de baixo para cima. Ela começa a aparecer no meio desses setores sociais excluídos para colocar suas demandas no estrato público, já que não encontram outras maneiras e já que a violência é uma maneira extremamente eficaz, porque tem repercussão midiática. Temos que levar isso em conta e não ter uma postura de que as coisas estão cada vez pior, entender que essas formas de violência nas cidades contemporâneas devem ser compreendidas a partir de demandas sociais não respondidas que a sociedade, nós, temos que encarar.

IMAGENS E ALTERNATIVAS PARA RETRATAR A VIOLÊNCIA

Entrevista com Esther Hamburger

Esther Hamburger é doutora em Antropologia pela University of Chicago, U.C., Chicago, Estados Unidos e pós-doutora pela University of Texas System, U.T.S., Austin, Estados Unidos. Professora da Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Cinema Rádio e Televisão da USP, escreveu diversos livros.

*Destacamos o mais recente que é **Ópera do Sabão, Intimidade e Política nas Telenovelas Brasileiras**. Rio de Janeiro : Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003. Esther Hamburger conversou com **IHU On-Line** sobre a forma como a TV e o cinema retratam a violência de maneira geral e o jovem e a violência de maneira particular.*

IHU On-Line- A pesquisa no Brasil tem abordado o suficiente a relação cinema-violência?

Esther Hamburger- Ao falarmos de violência e cinema, devemos falar também de TV e fotografia, ou seja, a imagem em geral e a violência devem ser abordados juntos, estão interligados. O tema não é novo e já motivou muitas pesquisas em vários campos, mas, muitas vezes, foi abordado numa busca da relação causa-efeito, o que acho um caminho estéril.

IHU On-Line- Sobre que outras abordagens de violência e imagem são mais urgentes refletir do que a relação causa-efeito?

Esther Hamburger- Atos violentos como o de WTC, no 11 de setembro, foram planejados de acordo com as regras cinematográficas, no *time* de televisão, ou seja, o segundo ataque foi minutos depois do primeiro para dar tempo às câmeras. Essa dimensão de espetáculo audiovisual faz parte do atentado. É uma dimensão intrínseca. O homem-bomba, por exemplo, causa pequenos atos com repercussão imagética e midiática internacional. Esses atos estão pensados com essa dimensão midiática. Os autores desses atos se apropriam do mecanismo de reprodução do espetáculo. Com isso fazem com que as explosões entrem nas pautas de notícias. A mídia perde um pouco o controle da pauta. Essas explosões têm um significado se ninguém as vê e têm outro significado se vai ao ar para o mundo inteiro. A imagem está aí muito ligada à ação política. Quem faz o atentado se apropria da imagem não sendo proprietário de nenhuma emissora e sistema de produção, mas, domina a tal ponto a técnica da produção da notícia que é capaz de produzir um evento que tem cobertura garantida.

IHU On-Line- Como representar a violência sem ignorá-la e sem contribuir para que ela se propague?

Esther Hamburger- Há várias tentativas e cada uma tem vantagens e problemas. É um assunto que precisa de pesquisa. Posso citar, por exemplo, uma iniciativa de Kiko Goifman, um cineasta e videomaker, que produziu um documentário chamado *Morte densa*. O trabalho mostra relatos de pessoas que cometeram assassinatos. Trata-se de pessoas que não têm personalidade violenta, nem vivem em situação de carência social, mas cometeram crimes, movidos por tensões particulares, afetivas do momento. Ele opta por esse tema e mostra um fundo preto, sem imagens, além dessas pessoas contando e rememorando os fatos. É uma opção: sem imagens sensacionalistas, mas abordando um tema extremamente violento. Outra opção é o caso do filme *Ônibus 174*. Nele é reconstituído um fato real em que a própria câmera fez parte do acontecimento, em que um homem manteve um ônibus seqüestrado durante um dia inteiro, e isso era mostrado ao vivo, e ele mesmo atua de determinada forma na frente da tevê. Ambos os casos tentam refletir com opções bem diferentes: o primeiro, com imagens discretas e palavras que calam fundo na alma, o segundo organiza as imagens com uma lógica que procura trazer à cena pública a versão que seria do seqüestrador que acabou morrendo. Foi uma versão alternativa à que as pessoas assistiram quando o fato ocorreu.

IHU On-Line- O cinema brasileiro está abordando a violência com maior frequência atualmente?

Esther Hamburger- A violência, desde sempre, perpassa o cinema brasileiro. Já o cinema novo buscava mostrar que a sociedade brasileira era violenta, numa época em que ela se via

como cordial e conciliadora. O cinema novo questionava essa representação pacífica. Hoje, a violência faz parte do reconhecimento nacional, além de que tem havido um aumento de violência, por isso o tema está fortemente em pauta. Hoje se aborda muito a relação entre pobreza e violência. Acho que todos esses filmes têm seu mérito, cada um a seu modo. *Cidade de Deus*, por exemplo, está muito bem acabado e dá ao cinema brasileiro uma potência e uma cumplicidade com o público que não tinha há muito tempo.

IHU On-Line- Quais as relações entre jovens e violência que o cinema e a tevê estabelecem?

Esther Hamburger- As abordagens são muito diversificadas. A minissérie da Globo, *Cidade dos Homens*, por exemplo, mostra diversas relações possíveis entre o jovem e a violência. Inclusive, no ano passado, houve um episódio em que mostravam um jovem branco de classe média e um jovem negro pobre deixando em evidência algumas visões estereotipadas que cada um tinha do outro. Geralmente na mídia há um estereótipo que associa mais a violência às pessoas jovens, de sexo masculino, negros e pobres. Por outro lado, não se pode pretender que o cinema e a tevê se amarrem à realidade, ao politicamente correto. O artista representa utopias, talvez isso consiga mudar alguma coisa.

IHU On-Line- As pesquisas que estabelecem relação entre o grau de violência das pessoas e as horas em que elas assistem a imagens violentas na TV estão ultrapassadas?

Esther Hamburger- É muito difícil provar essa relação, eu diria impossível. Essas pesquisas partem do princípio de que aquele conteúdo de TV não tem nada a ver com o jovem que está assistindo, que a única relação que ele tem com esse conteúdo é o que vê. Isso é uma falácia, porque as pessoas que produzem televisão e as que assistem a ela vivem na mesma sociedade. Fazem parte de um mesmo repertório. Também não podemos dizer que a produção desse conteúdo não tenha nenhum intuito. Seria muito ingênuo achar que o conteúdo do que vai ao ar não faz diferença nenhuma, e muitas pesquisas de recepção tendem a ir por aí. A falta de problematização das representações da violência acaba naturalizando certas imagens e relações. A violência, de tanto ser vista, torna-se assunto que justifica cobertura, seria uma das celebridades que tem direito a ocupar espaços midiáticos.

O CRIME VIOLENTO COMO ESPETÁCULO

Entrevista com Alex Niche Teixeira

*Alex Niche Teixeira é mestre em Sociologia pela UFRGS, com dissertação intitulada **A espetacularização do crime violento pela televisão: o caso do programa Linha Direta**. Ele é professor nas Faculdades Rio-Grandenses – FARGS. Alex concedeu entrevista a IHU On-Line sobre a violência no programa Linha Direta. Os interessados podem encontrar a dissertação do professor no sítio www.professoralex.pop.com.br. O Instituto Humanitas Unisinos publicou no **Cadernos IHU Idéias** número 3 o artigo O Programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo, escrito pela jornalista Sonia Montaña.*

IHU On-Line- De que maneira o Sr. percebe a violência na TV de modo geral? Essa violência está mais presente em que tipo de programas e de que forma?

Alex Teixeira- A violência está na televisão assim como está na sociedade. Nesse sentido, não cabe perguntar se a televisão reproduz a violência ou a "cria". Os "media" já não podem mais ser tratados como uma instância que se opõe à realidade. Estamos num tempo em que nossa noção de real é perpassada pelos meios de comunicação, de tal forma que parecemos somente